

A Linguagem Poética como Elemento Revelador do Ser Humano na Poesia de Linhares Filho

Anderson Ibsen Lopes de SOUZA (1); Vicente J. SOBREIRA JUNIOR (2); Jean Custódio LIMA (3).

- (1) IFCE- Campus Cedro, e-mail: sobreirajr@bol.com.br;
(2) IFCE- Campus Crato, e-mail: andilopes1@hotmail.com;
(3) IFCE- Campus Fortaleza, e-mail: jeanclima@terra.com.br.

RESUMO

O presente artigo analisa o fazer poético do cearense Linhares Filho, poeta, crítico e ensaísta da atualidade, observando a sua preocupação com o fator ontológico e a retratação e desvelamento do homem por intermédio de sua arte. Adotando o método hermenêutico como base da nossa investigação, abordaremos em especial um de seus poemas, o “Poema Algo Cômico de Minha Essência”, para que a partir dele possamos entender como se dá, em sua poesia, a questão ontológica. Levando ao público um universo de sensações e experiências, o poeta em apreço compartilha com seus leitores de uma gama de sentimentos de modo descontraído, revelando segredos e vivências suas, dando-nos a sua visão de mundo e o seu modo interpretativo da realidade. A análise intrínseca da poesia do grande professor lavrense nos coloca em contato com as teorias da filosofia existencial-ontológica do alemão Martin Heidegger, apresentando-se como uma forma de desvelar sentimentos e atitudes humanas e de apontar para a angústia do homem diante da vida. Dotado de um notável respeito à palavra e ao verso, ao mostrar toda a sua ideologia de vida e emoções várias, Linhares Filho acaba por sair do individual e atingir o universal, pois sua visão é capaz de alargar a nossa própria visão da realidade.

Palavras-chave: poesia – visão ontológica – sentimentalismo

1. INTRODUÇÃO

O uso da linguagem de modo artístico é uma atitude das mais grandiosas atingidas pelo homem, que busca no signo comum uma conotação mais elevada, um significado que transpasse o seu uso ordinário. Produto de uma árdua labuta, bem como de considerável peripécia, a criação de uma obra literária envolve inumeráveis aspectos que originam gêneros diversos, modalidades de escrita, investigação crítica por meios intrínsecos ou extrínsecos, etc. Daí o senso comum aclamar a literatura como a maior das belas artes, visto ser ela a arte da palavra, a qual pressupõe muito esforço mental e elevação do ser humano pela beleza e perfeição que dela pode advir.

Lato senso, poderíamos dizer que a linguagem está ligada à essência do homem; é o que o distingue dos demais seres vivos, pois nossa lógica permite a argumentação, a análise, a oratória, enfim, a plena utilização do signo linguístico. Assim sendo, a referida questão não diz respeito simplesmente à linguística, mas também à literatura, à filosofia e demais ciências que trabalhem com a palavra.

Martin Heidegger, filósofo alemão do século XX, na sua famosa *Carta sobre o humanismo* (1945) destinada a Jean Beaufret, explica que “A linguagem é a casa do ser. Nesta habitação do ser mora o homem. Os pensadores e os poetas são os guardas desta habitação” (HEIDEGGER, 1945: 01), indicando aí que a linguagem é a consumação do pensamento, é o que torna o homem um ser elevado pelo poder de refletir

sobre a sua própria ação como ser pensante. Heidegger coloca em um mesmo patamar filósofos e poetas, pois que ambos realizam “a abertura de um espaço essencial mais original [...] reservado como tarefa para o pensar e poetizar” (*idem*: 02).

A análise intrínseca da poesia do grande professor, poeta e ensaísta cearense Linhares Filho nos coloca em contato com as teorias do filósofo da Floresta Negra, apresentando-se como uma forma de desvelar sentimentos e atitudes humanas, de nos mostrar aquilo que, por mais singelo que seja, tornou-se opaco e despercebido à nossa vista. Linhares Filho, como poeta, age magistralmente, dando aos seus leitores uma visão mais apurada de mundo e uma concepção mais bela da vida, com um notável respeito à palavra e ao verso.

2. O POETA E A SUA VISÃO ONTOLÓGICA

Não é difícil entendermos o poder assumido pela linguagem poética para o autor de *Sumos do tempo*, pois como já falamos, além de poeta, Linhares Filho também é crítico e ensaísta, o que nos abre mais possibilidades de compreensão de seu pensamento sobre a arte literária. Em seu livro *Cantos de fuga e ancoragem* (2007) deixa claro, em um ensaio sobre a poesia, que esta se encontra não apenas no poema, mas, de forma bem mais abrangente, na natureza, no homem, ou melhor, em tudo. É enfático ao dizer: “A poesia como espírito é uma coisa, e o que se acha abrigado pelo poema é outra” (LINHARES FILHO, 2007: 22), indicando nessas palavras a abrangência do citado termo, o seu alcance fora do âmbito literário, e colocando em evidência o valor da poesia para ele, como um ideal que se identifica com o próprio ser humano pelo que este concebe como belo, bom, íntegro.

Do primeiro ao último livro publicado, notamos uma linha de raciocínio imutável, que se desdobra nessas quatro décadas de publicações, mas que segue como que guiada por um propósito maior; e este, como abordaremos a seguir, é o ontológico, a preocupação com o homem e suas vivências, repletas de alegria e felicidade, por um lado, e de tristeza, angústia e nostalgia, por outro. Trazendo ao público um universo de sensações e experiências, compartilha com seus leitores todas essas emoções de modo descontraído, revelando segredos e vivências suas.

3. A ANÁLISE POEMÁTICA

Selecionamos um dos poemas de Linhares Filho (2007) para que pudéssemos proceder a uma análise hermenêutica, desvendando os vários mistérios de sua linguagem conotativa e desvelando-nos não somente a si, mas a própria essência do ser humano, em geral despercebida pelo automatismo a que nos condicionamos. Escolhemos o texto “Poema Algo Cômico de Minha Essência” para estudo:

O que só me vê passar carregado de embrulhos,
enfrentando apressado os transeuntes
para tomar o ônibus das dezessete e trinta,
não me entende.
Se também me vê ficar insone alta noite,
empunhando a pena, o olhar longínquo,
os lábios em movimento, sem articular palavra,
talvez me entenda...
Se disser que viu um louco, talvez me agrave;
mas, se acrescentar que ele beijava a Noite, eu me contento...

Sou, sobretudo, o que compõe sonatas
de luz e cores, com as notas do tempo,
para deleite da vida e alívio do mundo.

O que persegue pelo espaço, a cada metro,
emoções para o filtro do poema.
Assim, sou um grande atento para as horas e os quilômetros.
Mas, esqueço, quase sempre, de dar corda ao relógio
e de obedecer à linguagem semafórica do trânsito...
(Quando me atrasar nos compromissos, saibam-me desculpar.
Quando me adiantar ao sinal, não me atropelem!...)

O céu e a terra cosem-se aos meus artefatos.
Engrandeço-me na sua grandeza
e sinto-me um nada diante deles.
A dor é a minha matéria
e, quando trato do prazer, não vos iludais:
nos interstícios de uma faço ressoar o outro.
Penetrei os segredos de todas as ironias
arremessadas contra Deus e contra a vida,
mas nunca me converti à revolta dos homens.
Por isso, também canto salmos e hinos.
(LINHARES FILHO, 2008: 9-10)

Adentrando verticalmente em cada verso e esmiuçando os seus múltiplos sentidos, buscando compreender a carga metafórica das figuras que nos são apresentadas, percebemos que o “Poema Algo Cômico de Minha Essência” guarda uma força vital incomensurável, pois foi gerado da própria vivência do poeta, que no poema deixa este fato evidente.

Guiados pela teoria de abertura do texto literário proposto por Umberto Eco (2001), onde o discurso nunca aparece unívoco, e sim ambíguo, repleto de significados, tentaremos interpretar o poema na íntegra, procurando confirmar nosso ponto de vista através de uma análise intertextual e buscando auxílio na filosofia – ciência que também se interessa por fatores que envolvem o homem, o seu ser em uma perspectiva ampla. Esse postulado que “nas obras poéticas deliberadamente baseadas na sugestão, o texto se propõe estimar justamente o mundo pessoal do intérprete, para que este extraia de sua interioridade uma resposta profunda” (ECO, 2001: 46), atestando que a atividade do leitor é tão ativa e importante quanto a do autor, o que praticamente obriga aquele a tomar um posicionamento crítico e interpretativo diante da obra literária.

O poema em apreço pode ser dividido em três momentos, cada um correspondendo a uma das estrofes que o compõem. No primeiro momento teríamos uma visão ampla do seu ser, sem contudo nos dar uma definição precisa; na segunda estrofe, temos o seu revestimento do caráter poético, com mais ênfase dada a seus sentimentos; a terceira e última das partes do poema adentra um pouco mais na descrição de si, deixando vestígios de sua personalidade e de sua poesia à mostra, como a matéria de seus versos, o seu lado religioso, etc.

Inicialmente entendamos que há uma perfeita relação entre a voz do poema e o homem e poeta Linhares Filho. Insistimos nesse argumento tanto pela visão do ensaísta cearense aqui já citada, quanto por outra, retirada do mesmo livro analisado, *Cantos de fuga e ancoragem*, quando o referido poeta, em entrevista concedida a Rodrigo Marques, afirma: “minha poesia é bastante confessional, minha biografia coincide muito com o eu lírico que se apresenta em meus versos” (LINHARES FILHO, 2007: 131). Portanto, antes mesmo de procedermos a uma análise hermenêutica de seus versos, já temos a noção, dada pelo próprio poeta, de que a sua poesia é praticamente autobiográfica, e assim sendo, as informações que do poema em apreço obtivermos, não serão outra coisa além de confissões do poeta.

Os quatro primeiros versos da primeira estrofe introduzem a figura de um homem comum em meio à multidão, realizando ações habituais, como toda e qualquer pessoa, e por isso mesmo passa despercebido em meio aos outros iguais a ele naquela correria diária da cidade grande. Até para aquele que se atém a observá-lo em seu trajeto (“O que só me vê passar...”), o seu ser não se dá a entender, ou seja, ninguém o compreenderá ou o conhecerá vendo-o assim, misturado à massa urbana, somente mais um cidadão em seu caminho para casa, carregado de coisas que, no geral, somente a ele, e a mais ninguém, interessam.

Linhares Filho insere, em seu poema, todo o ideal de modernidade de modo trivial, gerando a sua receptividade por causa do contato que esta tem com a experiência do leitor. Este foi o mesmo procedimento adotado pelo grande poeta francês Charles Baudelaire, que na segunda metade do século XIX citava a

multidão, o torvelinho das ruas, com seus transeuntes e a nova estrutura das cidades do mundo moderno. Foi o poeta francês quem afirmou que é um erro “negligenciar a beleza particular, a beleza de circunstância e a pintura de costumes” (BAUDELAIRE, 1996: 7-8); e o autor de *Andanças e marinagens* assume esse papel de cantor das situações particulares, indicando o homem simples, que quase corre “para tomar o ônibus das dezessete e trinta” – coisa que não passa de um fato trivial, mas que possui sua beleza por causa do momento, da circunstância.

Embora tenhamos afirmado que o eu lírico do poema é o próprio poeta, e assim o que está escrito nos versos corresponde à sua visão de mundo, esta deixa de ser restrita ao Sr. José Linhares Filho, tornando-se universal pelo fato de o seu sentimento não ser tão somente seu, mas também poder ser sentido similarmente por outros homens. Assumimos categoricamente tal afirmativa pelos postulados tanto da crítica quanto de filósofos, como foi o caso de Schopenhauer, que em seu livro *A arte de escrever*, fala: “Se um poeta deu corpo à sua sensação passageira com as palavras mais apropriadas, aquela sensação vive através de séculos nessas palavras e é despertada novamente em cada leitor receptivo” (SCHOPENHAUER, 2007:145). A sua poesia, portanto, desvela o ser humano porque podemos usufruir dela para alargar a nossa percepção da realidade, dando “à palavra o valor da sua essência” (HEIDEGGER, 1945: 06).

Ainda nesse primeiro momento, temos uma análise mais apurada de seu ser, quando se sugere a observância de sua pessoa “insone alta noite,/ empunhando a pena...”. A voz do poema, nesse trecho, já nos dá uma informação importante sobre si: a sua condição de pessoa letrada, que costuma escrever à noite, como que em busca de inspiração. Vemos, portanto, que o referido trecho corrobora com a idéia de que a voz do poema mantém estreita relação com Linhares Filho, que na sua condição de poeta, trabalha a palavra artisticamente, daí o restante dos versos: “...o olhar longínquo,/ os lábios em movimento...”, mostrando que o ato de empunhar a pena, ou seja, de escrever, não se refere a um simples ato, mas se restringe à famosa esgrima baudelaيرية, citada pelo poeta francês no renomado poema “O Sol” (BAUDELAIRE, 2006:96).

É assim que Linhares Filho profere o oitavo verso, “talvez me entenda...”, o que indica que a sua essência está mais no que ele pensa e deixa escrito do que nas suas ações cotidianas, como a de carregar embrulhos ou tomar ônibus. Ainda assim, o poeta é preciso ao iniciar seus versos pelo advérbio de dúvida “talvez”, o que nos mostra que mesmo conhecendo esta particularidade de seu ser, ela não é fator condicionante para que o conheçamos de fato.

Provavelmente o autor de *Cantos de fuga e ancoragem* quis brincar com o seu leitor, em especial com aquele que Machado chamaria de “menos avisado”, jogando sempre com palavras que dêem aos poemas um outro sentido além do óbvio. Seríamos capazes, aqui, de realizar uma intertextualidade com Fernando Pessoa, dado o grande apreço que tem Linhares Filho pelo bardo do modernismo português. Quando Pessoa fala:

O poeta é um fingidor
finge tão completamente
que chega a fingir que é dor
a dor que deveras sente

ele mostra que por vezes a arte poética requer um “fingimento”, que nunca sabemos ao certo se aquilo que está no poema é ou não o verdadeiro sentimento do poeta.

Os dois últimos versos da primeira estrofe ainda trazem essa visão ambígua do seu ser, colocando sua percepção por um observador como a de um “louco” e posteriormente acrescentando “que ele beijava a Noite”. No primeiro momento, o eu lírico poderia não gostar, agravando-se com tal visão; contudo, caso a segunda visão fosse acrescentada àquela de que ele não havia gostado, dessa vez se contentaria. O poeta personifica a noite, grafando-lhe com letra inicial maiúscula, dando-lhe uma magnitude excepcional. A noite assume aí uma conotação feminina, apresentando o poema uma latência sensual porque o beijo a que o eu lírico se refere, mesmo como uma metáfora, aproxima-se da ligação carnal entre o poeta e sua amada. O fato de enamorar-se da noite é apresentado como uma ideia louca, mas que o anima. Aqui há uma associação do pensamento proposto e o brocardo latino: “*amantes, amentes*”, de onde temos a conclusão de que quando se ama, não se pensa. Essa visão da noite personificada poderia ser entendida como esta sendo a própria poesia, e daí a questão da poesia como devaneio, feita com paixão.

A ligação da noite com a poesia é feita em alguns outros poemas de Linhares Filho. Poderíamos citar alguns versos de “Conhecimento e Invocação da Poesia” (LINHARES FILHO, 2008: 45), a título de análise. Inicialmente, temos os versos: “Banho-me no Poema/ e me liberto redivivo e novo”, onde temos o vocábulo “Poema”, grafado com inicial maiúscula, assim como o ocorrido com “Noite” em “Poema Algo Cômico de Minha Essência”. Mais à frente encontramos versos como “Na alta noite vens de manso” e “na solidão da noite te espreito”, que fazem perfeitamente uma ligação entre a poesia e a noite e confirmar a nossa visão sobre o poema em apreço.

4. SENTIMENTALISMO EM LINHARES FILHO

Voltando ao poema inicial, temos agora a análise da segunda estrofe – momento em que seus sentimentos e fazer poético começam a aflorar. Os dois primeiros versos trazem uma visão bastante simbólica do ato poético, utilizando-se de uma sinestesia (compor “sonatas/ de luz e cores”) de tendência valeriana, pela semelhança com a lírica livre proposta na “festa do intelecto”. A poesia de Valéry procura fugir da mediocridade humana, apresentando o seu jogo suprarreal de modo pensante. Hugo Friedrich afirma, em sua *Estrutura da lírica moderna*, que para Valéry, escrever poesia “significa tentar as combinações entre zonas de significados mutáveis e de efeitos sonoros igualmente mutáveis” (FRIEDRICH, 1978:184). Quando Linhares Filho usa mais de sentidos do que de descrições, encontra ele significações recônditas que mais parecem uma mistura entre sonho e realidade, onde o fator intelectual está inegavelmente ali contido, dando uma força sublime à linguagem poética. O oxímoro deste restante do décimo segundo verso, “com as notas do tempo”, imprimem duas características do poema: uma é a da melodia, composta por notas, entonações; a outra é a da cronologia, que sugere ser a sua poesia fruto de suas vivências, de sua experiência adquirida ao longo dos anos.

Linhares Filho tem consciência de que a sua poesia é muito mais do que a sua simples visão do real vigente; esta sua visão coaduna-se com a visão geral dos seres humanos, desvela os sentimentos comuns a todos nós. É isso o que vem a explicar o décimo terceiro verso do poema em questão, quando indica para que serve a sua poesia: “para deleite da vida e alívio do mundo”.

O décimo quarto e o décimo quinto versos trazem sujeito e verbo elípticos. Como ele continua a falar da sua essência, o sujeito e o verbo são os mesmos da oração anterior, apresentados pelo verbo do início da segunda estrofe: “Sou”. Esses versos abordam uma questão interessante, que é a do “filtro do poema”. O filtro seria uma maneira, encontrada pelo poeta, de livrar a poesia de certas impurezas, isto é, de procurar, na natureza, somente aquilo que sirva de mote aos seus poemas, emoções livres de convenções, ideologias ou qualquer outra amarra que pudesse influenciar na sua visão de mundo artística; e essa maneira é obtida quando se consegue fazer passar tais emoções através desse filtro poético, que reterá o que não é poético e que foi captado. Nesses versos, Linhares Filho revela uma característica importante do poeta, que é a de saber dosar os aspectos da vida, de conseguir imprimir no poema um tipo de sentimento que, embora ordinário, é apresentado ao público leitor de forma não convencional, ou melhor, de forma artística.

O poeta quer nos passar, assim, a idéia de que ele é um ser mais perspicaz do que os outros, pois que ele é capaz de depreender aspectos mínimos da vida. É dessa forma que o eu lírico afirma ser ele “um grande atento para as horas e os quilômetros”, o que significa dizer que ele observa a questão espaço-temporal, nada sendo perdido por sua vista.

A partir daqui, entretanto, surge mais uma vez o fingimento poético de Fernando Pessoa, pois embora o eu lírico tenha se mostrado, no décimo sexto verso, “atento” a tudo o que possa existir no tempo e no espaço, nos dois versos subseqüentes ele desdiz o que havia sentenciado, afirmando se esquecer, “quase sempre, de dar corda ao relógio e de obedecer à linguagem semafórica do trânsito”. Como poderia se esquecer de tais coisas, se ele é “um grande atento” da espaço-temporalidade? Quando o poeta não dá “corda ao relógio”, ele se mostra desatento ao que ele mesmo havia se denominado de “um grande atento para as horas”; e quando diz não obedecer à linguagem de trânsito, também se mostra desatento em relação aos “quilômetros”, isto é, ao espaço. Novamente recorremos à compreensão pessoana do “fingimento poético” para compreendermos o que tencionava o poeta cearense: na verdade, ele é atento ao que lhe convém, observando o que chama a sua atenção.

Leyla Perrone-Moisés, em sua coletânea de ensaios intitulada *Flores da escrivantina*, atesta que “a literatura aponta sempre para o que falta, no mundo e em nós”, e logo a seguir postula: “Trágica ou epifânica, negativa ou positiva, ela está sempre dizendo que o real não satisfaz” (PERRONE-MOISÉS, 1990: 104). Essa visão sobre o fator literário nos abre um leque de considerações sobre a poesia analisada: ela indica que o eu lírico é atento ao mundo circundante, embora não o seja, ou melhor, ele se auto-considera “um grande atento”, mesmo se “esquecendo” de atentar-se para a realidade. Apesar desse ponto de vista, temos que temer certas interpretações, pois o próprio ato de se esquecer poderia ter sido a maneira encontrada pelo poeta de esconder essa sua característica de não demonstrar tudo o que há na natureza; e isso porque o real em si não deve ser o assunto da literatura, que é arte e, por conseguinte, exige um grau maior de perscrutação das causas e das coisas; antes, deve atentar mais para aquilo, como deixa evidente a estudiosa, que falta, que exige um maior raciocínio sobre si.

Os dois últimos versos dessa estrofe vêm confirmar a visão da última afirmativa, de que na verdade o tempo e o espaço não são respeitados por ele da mesma forma como estes comumente o são pelas demais pessoas. De posse dessa afirmação, temos que a sua atenção gira em torno do assunto político, daquilo que o inquieta ou que o deixa perplexo, pois como o poeta fala em “Conhecimento e Invocação da Poesia”, o poema transmite “fugidias e cifradas mensagens” e “posso cruzar contigo nas ruas da cidade”. Isso indica que o ato de não obedecer à “linguagem semaforica do trânsito” coaduna-se com a idéia da arte como aquilo que “aponta para o que falta”, e assim, o poeta não se mostra atento ao que, a seu ver, não possui poesia, e por isso mesmo, ele pede perdão por esta falha.

A terceira estrofe inicia-se como um canto panteísta, pelo tom laudatório à grandiosidade do universo; contudo, o seu final desmente essa visão, mostrando-nos se tratar tão somente de uma atitude humilde do homem que reconhece o poder divino. A princípio, no vigésimo primeiro verso do poema, observamos que o eu lírico assimila o seu processo criacional ao próprio poder divino, pois quando afirma que o seu produto une (cose) o “céu e a terra”, observamos que ele quer mostrar que muita coisa que, a seu ver, está errada, é por ele consertada em seu ato poético. Embora aja assim, vem o peso da grandiosidade universal mostrar-lhe que o ser humano é “um nada diante deles”, ou seja, do céu e da terra.

Do vigésimo quarto ao vigésimo sexto versos, o eu lírico aponta para uma característica marcante da atitude poética: a de lidar com os mais diversos sentimentos, fazendo surgir os mais diferentes tipos de emoções a partir de seus versos.

Os quatro últimos versos são bastante efusivos e esclarecedores, pois demonstram todo o ideal do poeta e sua perspectiva diante da poesia: para chegar num grau elevado de análise ontológica, é preciso adentrar, compreender perspicazmente as atitudes humanas, mesmo quando estas não fazem parte da credence do observador. Isso foi o que aconteceu com o poeta, que na ânsia de analisar o ser humano, entrou em contato com toda a revolta humana, numa completa entrega à realidade vigente, fora toda e qualquer metafísica, embora dela não comungasse. Essa é a causa, como ele postula no último verso, de ainda se entregar a Deus, pois entende que os sentimentos expressos no poema não vêm da racionalidade, mas sim do subconsciente, a partir de revoltas, de uma atitude altamente pessoal e subjetiva.

CONCLUSÃO

Assumindo o seu fazer poético como uma missão, Linhares Filho demonstra, em cada verso, toda a maestria de um veterano na arte do poetar, conduzindo sabiamente o seu poema no intuito de trabalhar com afinco o poder sugestivo da palavra e representar a grandiosidade do sentimento humano. Detentor de uma perspicácia notável quando realiza a análise da condição do homem enquanto ser social, o poeta faz brotar de seu poema os mais diversos sentimentos, dando-nos a um só tempo a alegria e o sofrimento por que realmente passamos na vida real.

“Poema Algo Cômico de Minha Essência” seria então, pela força de seus versos e pela abrangência de suas palavras, não somente um canto intimista, delator do sentimento particular e subjetivo de Linhares Filho, e sim um poema efusivo, de abrangência incomensurável, pois que atinge a todos nós, seres humanos,

capazes de apresentar essa mesma visão diante da vida, de revolta e de submissão, de sagacidade e de desatenção, de prazer e de dor.

No poema em apreço está condensada uma considerável parcela das ideologias do poeta cearense, como o seu amor ao fazer poético; a sua capacidade em observar elementos imperceptíveis aos olhos automáticos do homem moderno; o seu poder de sentir-se um ser-com-os-outros, ou melhor, um ser social, com todas as conseqüências daí advindas; o seu lado religioso, entre outras mais. Contudo, o poema deixa de ser o canto da sua essência para ser o da essência humana, pois ele representa um olhar mais introspectivo para a vida, capaz de nos dizer que caminho seguir ou qual o caminho da felicidade, em meio à selvageria moderna.

BIBLIOGRAFIA

BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a modernidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. *As flores do mal*. – trad.: Pietro Nassetti. – São Paulo: Martin Claret, 2006.

ECO, Umberto. *Obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. Trad. Giovanni Cutolo. 8ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna: da metade do século XIX a meados do século XX*. Trad.: Marise M. Curioni. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

HEIDEGGER, Martin. *Carta sobre o humanismo*. trad. Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Editora Moraes, 1991.

LINHARES FILHO, José. *Cantos de fugas e ancoragem*. Fortaleza: Impreco, 2007.

_____. *50 poemas escolhidos pelo autor*. Rio de Janeiro: Edições Galo Branco, 2008.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Flores da escrivainha: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SCHOPENHAUER, Arthur. *A arte de escrever*. – trad.: Pedro Süssekind. – Porto Alegre: L&PM, 2007.